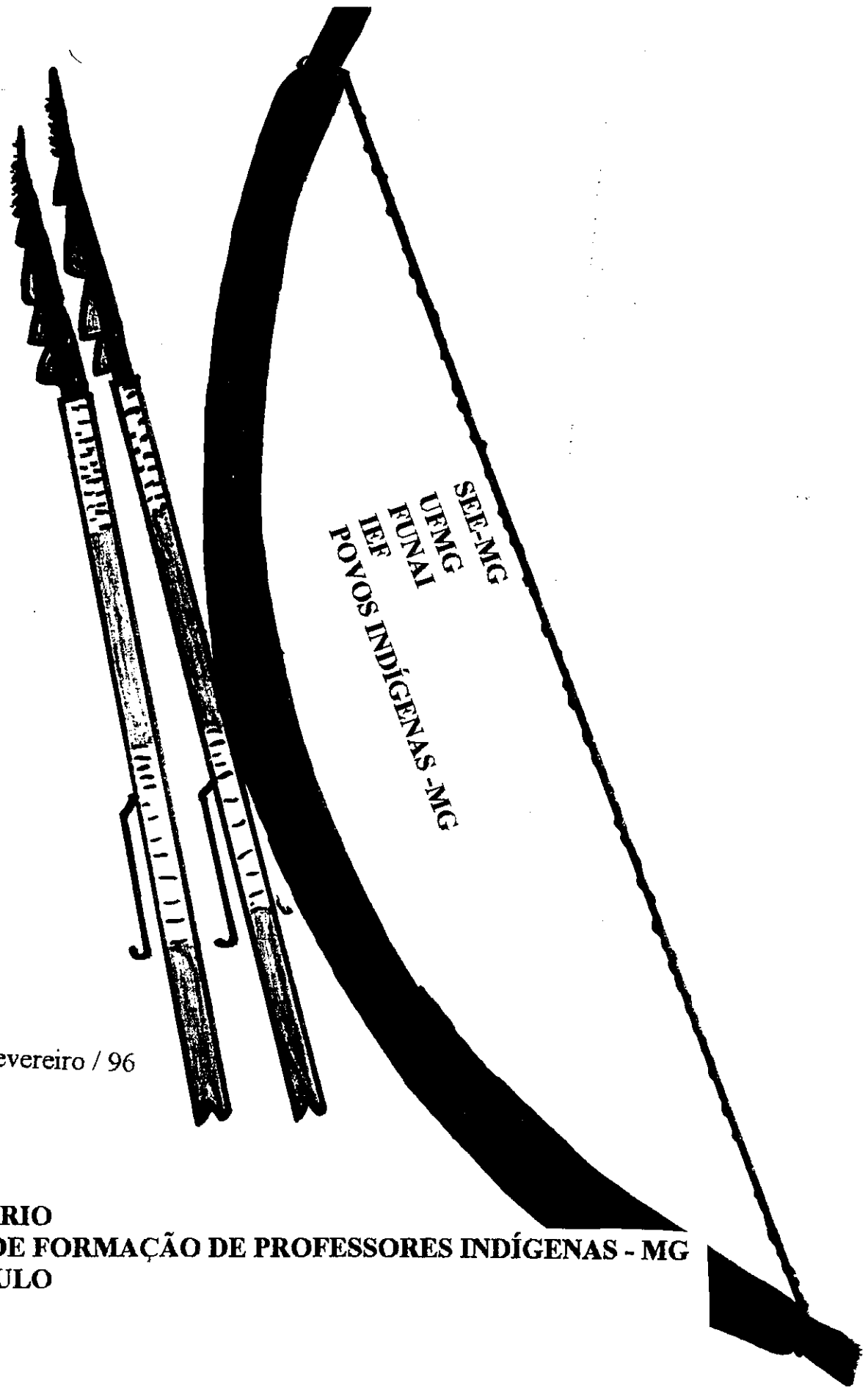


GILBERTO MAXAKALI

INSTITUTO SCIENTIFICO  
data 13, 11 97  
cod 050 00021

**SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO  
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR  
IMPLANTAÇÃO DAS ESCOLAS INDÍGENAS / MG**



SEE-MG  
UEMG  
FUNAI  
IEE  
POVOS INDÍGENAS -MG

fevereiro / 96

**RELATÓRIO  
CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS - MG  
1º MÓDULO**

**SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO**  
**DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR**  
**IMPLANTAÇÃO DAS ESCOLAS INDÍGENAS / MG**

**SEE-MG**

**UFMG**

**FUNAI**

**IEF**

**POVOS INDÍGENAS -MG**

**RELATÓRIO**

**CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS - MG**

**1º MÓDULO**



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Secretária: **Ana Luiza Machado Pinheiro**

Secretário Adjunto: **João Batista dos Mares Guia**

SUBSECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

Secretária Coordenadora: **Ana Lúcia Amaral**

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

Diretora: **Lêda Botelho Martins Casasanta**

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Diretora: **Maria de Lourdes Madureira de Pádua**

COORDENAÇÃO

**Márcia Maria Spyer Resende** - Coordenadora Geral

**Myriam Martins Alvares**

**Zélia M. Abreu Lima Rezende**

**Ariene Vilela Rodrigues**

ELABORAÇÃO

**Márcia Maria Spyer Resende**

## COORDENAÇÃO

|                      |            |
|----------------------|------------|
| Márcia Spyer         | SEE / UFMG |
| Myriam Alvares       | SEE        |
| Zélia Rezende        | SEE        |
| Arlene Vilela        | FUNAI      |
| Gladys Nunes         | IEF        |
| Rafael Maxakali      | Maxakali   |
| Pinheiro Maxakali    | Maxakali   |
| Kanatyó Pataxó       | Pataxó     |
| Antonio Silva Pataxó | Pataxó     |
| Marcos Krenak        | Krenak     |
| Maurício Krenak      | Krenak     |
| João Xacriaba        | Xacriabá   |
| Eunice Xacriaba      | Xacriabá   |

## ÍNDICE

5

### 1- Introdução

### 2- 1ª etapa :

Planejamento / janeiro / 96

2.1 - Planejamento administrativo

2.2 - Assessoria pedagógica

2.3 - Assessoria antropológica

### 3- 2ª etapa :

Realização do 1º Módulo do “Curso de Formação de Professores

Indígenas de MG “ - fevereiro / 96

### 4- 3ª etapa :

Avaliação do 1º Módulo do Curso de Formação de Professores Indígenas -  
Minas Gerais

### 5- 4ª etapa :

Planejamento 1996 / 1997

### 6- Apêndice

6.1 Reportagens/jornais

## 1. INTRODUÇÃO

O 1º Curso de Formação de Professores Indígenas de Minas Gerais foi realizado no Parque Florestal do Rio Doce, com duração de 4 semanas, tendo o seu início em 4 de fevereiro e término em 3 de março de 1996. Compareceram ao curso, 53 candidatos a professores indígenas, eleitos e/ou indicados por suas comunidades (9 Maxakali, 5 Pataxó, 3 Krenak e 36 Xacriabás). Estes números foram determinados em função do diagnóstico realizado em cada Terra Indígena, em outubro/novembro/95. De acordo com as resoluções do 1º Seminário de Educação Escolar Indígena de Minas Gerais, ficou determinado pelos representantes dos professores indígenas, que as matérias a serem lecionadas neste 1º módulo seriam: Português, Matemática, Ciências e Atividades Econômicas e Uso do Território Indígena.

A realização deste curso, corresponde à “Meta 6”, prevista dentro do Projeto de Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais. Paralelo com o curso foram também desenvolvidas algumas ações de “construção de uma Proposta Curricular para Formação de Professores Indígenas e de uma Proposta curricular para as Escolas Indígenas”. Realizado em parceria com a UFMG, IEF e FUNAI, a SEE-MG assumiu o gerenciamento e grande parte do financiamento cumprindo assim a determinação do MEC (Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena) onde se diz que “a Educação Escolar indígena é responsabilidade do Estado”.



PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE

## 2 - 1ª ETAPA :

Planejamento / janeiro/96

### 2.1- Planejamento administrativo

Ações da SEE junto à :

#### 2.1.1 - FUNAI :

- organização do sistema de repasse de verba da FUNDEP para a FUNAI, desta aos Chefes de Posto de cada Terra Indígena , visando o deslocamento dos alunos professores de suas respectivas aldeias até o Parque Florestal do Rio Doce .
- fornecimento de material didático disponível na FUNAI e que poderiam ser utilizados no decorrer do curso.
- fornecimento de remédios de primeiros socorros
- fornecimento de parte da roupa de cama , pasta de dente , sabonete e sabão, para o uso dos alunos-professores.
- transporte dos Maxakali, Krenak e Pataxó de Governador Valadares até o Parque Florestal do Rio Doce e dos Xacriabá da Terra Indígena até o Parque.
- Participação na Coordenação Geral do Curso, da Programadora Educacional Arlene Vilela , durante as 4 semanas de curso , com o reforço de pessoal técnico durante o período de carnaval .

#### 2.1.2 - IEF:

- fornecimento de alimentação e alojamento para 60 pessoas durante as 4 semanas do curso.
- fornecimento de uma Kombi e um motorista para o transporte interno ( dentro do Parque ) e de transporte externo ( dos professores de BHZ até o Parque Florestal do Rio Doce) .
- participação de um técnico na Coordenação Geral do Curso , durante as 4 semanas de fevereiro.

### 1.3. UFMG / FAE / CECIMIG

- participação na “Coordenação Geral do Curso” durante 4 semanas de fevereiro.
- reunião com os professores de Português, Matemática, Geografia, História, Educação Física, Educação Artística, Física, Química, Biologia, Didática, Língua Indígena ( 8 doutores e 6 mestres ), para participarem do Curso de Formação de Professores.
- participação na construção do “Currículo de Formação dos Professores Indígenas” e das “Escolas Indígenas”.
- participação de alunos de graduação e pós-graduação como monitores e pesquisadores (1 aluno de mestrado , 3 monitores de graduação).
- elaboração / construção de material didático alternativo para os alunos-professores e para as Escolas Indígenas buscando viabilizar uma proposta de “ensino à distância” para cada área específica.

#### OUTRAS AÇÕES :

- compra de material didático e administrativo
- planejamento do calendário e horários de funcionamento do curso
- planejamento do rodízio da coordenação /SEE/IEF/UFMG/FUNAI/ durante as 4 semanas do Curso .
- contato com as 4 Superintendências Regionais de Ensino ( Governador Valadares, Januária, Teófilo Otoni e Guanhães ) e com a Secretaria Municipal de Educação de Carmésia , no sentido de acompanharem o primeiro Módulo do Curso e o processo de implantação das escolas.
- reunião com CEDEFES , para troca de experiências em relação aos povos indígenas de Minas Gerais e sugestões para a realização do Módulo I .



- encontros com as antropólogas , Ana Flávia ( Xacriabá ), Izabel Misságia Matos ( Krenak ) , Myriam Alvares ( Maxakali ) e o antropólogo José Augusto Laranjeira Sampaio da UNEB (Pataxó), no sentido de assumirem o ensino nas áreas indígenas da disciplina Cultura Indígena. Foi também realizado o convite para participarem como ouvintes deste primeiro módulo .
- reunião com Leda Casassanta ( Superintendente do Desenvolvimento do Ensino ) e Maria de Lourdes Pádua ( Diretora de Desenvolvimento Curricular ), Elza Maria Petruceli Carayan ( Diretora de Normas e Planajamento Curricular ) e Irene Borges Ferreira ( Diretora de Capacitação de Recursos Humanos ). Tal reunião teve como objetivo socializar as informações das ações desenvolvidas pela Diretoria de Desenvolvimento Curricular até aquele momento, promover no primeiro semestre de 1996, um Seminário para integrar as ações das diversas diretorias da SEE envolvidas no projeto.

## 2.2 - ASSESSORIA PEDAGÓGICA

- Foram realizados \_\_\_ em caráter preparatório \_\_\_ com cada equipe de professores/UFMG que iriam ministrar as aulas do 1º Módulo, dois encontros de caráter pedagógico, buscando informar e clarificar os seguintes pontos:

a) O que é uma “Escola Indígena Diferenciada, Bilingüe, Intercultural”, com o relato de outras experiências no Brasil.

b) Relato síntese do diagnóstico educacional realizado nas Terras Indígenas e as deliberações do primeiro Seminário de Educação Escolar Indígena sobre o processo de implantação das Escolas Indígenas em Minas Gerais.

c) Os pressupostos teóricos -metodológicos de uma Educação Escolar Indígena para Minas Gerais, tendo em vista as diretrizes gerais do MEC sobre a Política Nacional de Ed. Esc. Indígena do MEC.

d) Discussão e análise do planejamento específico de cada disciplina: Português, Matemática, Ciências e Atividades Econômicas e Uso do Território Indígena.

e) A integração entre os conteúdos das matérias/professores/coordenação.

f) O caráter de “**diagnóstico**” deste 1º Módulo, visto que em primeiro lugar a equipe de professores/UFMG estaria iniciando os primeiros contatos com os povos indígenas de Minas Gerais em segundo lugar o fato de que até então desconhecíamos quem eram estes 53 professores indígenas.

g) Os desafios de se construir junto com os povos indígenas uma escola do índio e não para o índio.

### 2.3 - ASSESSORIA ANTROPOLÓGICA

- Como dissemos anteriormente que a maioria dos professores que iriam lecionar neste módulo não tinham contato com as sociedades indígenas e em especial com os povos indígenas de Minas Gerais, consideramos importante dar subsídios básicos sobre a cultura e a identidade destes povos

Neste sentido foi preparado, e entregue com antecedência para cada professor o material bibliográfico que a seguir relacionamos: de Maria Hilda de Paraíso, foram selecionados 2 laudos ( Laudo Antropológico dos Xacriabá e dos Krenak ); um relatório ( de visita à Fazenda Guarani ); e um texto. Os Botocudos do rio Doce \_\_ extraído do livro **Índios do Brasil**, organizado por Manuela Carneiro da Cunha . De Myriam Martins Alvarez, um relatório ( de visita à Fazenda Guarani ) um texto ( Introdução à sociedade Maxakali ) e parte de sua tese de mestrado ( “Yâmiy os espíritos do canto / A construção da pessoa na sociedade Maxakali” ). Depois deste material lido pelos professores, foram realizados dois encontros, visando um esclarecimento mais geral do funcionamento e da dinâmica destas sociedades e dando um destaque especial às formas de aprendizado e reprodução do saber de cada povo. Os pontos ressaltados nestes encontros foram :

- a) As diferenças culturais entre os quatro grupos ( Maxakali, Pataxó, Krenak e Xacriabá ) tipos de cultura, organização social, religião, etc. .
- b) As diferenças entre os quatro grupos e a sociedade envolvente : as relações inter-étnicas .
- c) A questão da reconstrução da identidade cultural, processo pelo qual passam as sociedades Pataxó, Xacriabá e Krenak.
- d) **A forma de aprendizado e da reprodução do saber tradicional de cada povo ( por ex. a importância da palavra e do canto para a sociedade Maxakali ) .**

## 3 - 2ª ETAPA

Realização do 1º Modulo do Curso de Formação de Professores Indígenas de Minas Gerais / Fevereiro /96

A nossa chegada \_\_\_ professores indígenas , coordenadores da SEE, IEF, UFMG e FUNAI \_\_\_ foi um pouco tumultuada , como todo inicio de curso . Em primeiro lugar, chegamos (UFMG, FUNAI e IEF ) no dia 3 de fevereiro ( domingo) um dia antes do inicio das aulas. Nos dirigimos ao restaurante , visto que já eram quase 2 horas da tarde e no alojamento ainda não havia chegado nenhum dos participantes . Por ser final de semana, havia naquele momento no restaurante do Parque aproximadamente umas 200 pessoas e uma grande fila para o almoço.

Lá encontramos com Arlene Vilela da FUNAI , e mais os 9 alunos-professores Maxakali . Entre os Maxakali , um estava com problema de bebida alcoólica, 3 com diarreia e dor de barriga , e os outros com fome e bastante cansados . Sentiam principalmente , a sensação de estranheza àquele outro território. Logo em seguida chegaram os Pataxó e os Krenak. Somente no final da tarde é que chegaram os Xacriabá , depois de 24 horas de viagem. Com todos os povos , vários problemas de saúde : diarreia , dor de dente, cólica, dor de cabeça, etc . No caso da maioria dos Xacriabá e dos Maxakali , esta era a primeira vez que saiam de suas aldeias , justificando assim os vários problemas de saúde .

Nestes primeiros “ acertos de instalação e chegada “ contamos com total apoio do pessoal técnico do IEF , com a experiência “de outras viagens” de vários alunos-professores indígenas ( principalmente dos Pataxó e dos Krenak ), e a colaboração do corpo técnico da FUNAI da SEE e da UFMG. Já neste primeiro dia , tornou-se necessário fazer uma primeira reunião da Coordenação Geral do Projeto , (composta por 2 representantes de cada nação indígena , e 1 representante do IEF, SEE, UFMG e FUNAI), com o objetivo de propor normas de funcionamento geral do curso e de conversar um pouco mais sobre o uso de bebida alcoólica durante o período de realização das aulas.

Em meio às resoluções sobre a distribuição dos alojamentos ,da roupa de cama , do funcionamento da alimentação . etc , nos entregamos à alegria de estarmos juntos pela primeira vez , ao alvoroço da chegada , às primeiras visitas entre as tribos, às primeiras trocas de olhares, de reconhecimento daquele outro território, daqueles outros povos , daquelas outras pessoas com as quais iríamos conviver durante todo o mês de fevereiro e provavelmente por dois anos consecutivos. Amanhecemos \_\_\_ mesmo com

todo o cansaço \_\_\_ de madrugada. Eram 4 horas da manhã e já ouvíamos junto ao cantar dos pássaros, as primeiras vozes, os primeiros movimentos, as primeiras risadas...

Tivemos uma abertura simples, inicialmente fizemos uma roda em volta de uma grande árvore. Em seguida abrimos nosso ritual com a palavra de Kanatyo Pataxó, representante dos povos indígenas do Leste e Nordeste do Brasil junto ao "Comitê de Educação Escolar Indígena do MEC", e indicado por sua comunidade a ser professor da Escola Indígena Pataxó. Logo depois, falaram os representantes dos Krenak, dos Pataxó, dos Maxakali e dos Xacriabá. Também fizeram uso da palavra os representantes do IEF, da SEE, FUNAI e UFMG. Para encerrar, cada aluno-professor indígena se apresentou, falando seu nome, sua aldeia, seu povo. Cada etnia apresentou uma dança e todos nós fomos aprendendo um pouco da tradição do outro. Logo depois tivemos um cafezinho e então nos dirigimos à sala de aula.



Na sala de aula e antes que os professores de Português iniciassem seu trabalho, a Coordenação Geral do Projeto, apresentou uma proposta inicial de normas de funcionamento do curso, que foi discutida com os demais alunos-professores indígenas e aprovada nos seguintes termos:

\* A Coordenação Geral do Projeto se reunirá - se necessário - uma vez por semana, com o objetivo de avaliar as atividades desenvolvidas naquela semana e de planejar a próxima.

\* O curso com a duração de 4 semanas, terá 48 horas aula por semana com aulas de segunda a sábado, 8 horas aula por dia.

\* Os feriados de carnaval terão aula normalmente, sendo que as refeições serão feitas no alojamento e não no restaurante.

\* O horário de funcionamento do curso, a título experimental, será de 8 às 12 e de 14 às 18 horas, com lanches as 9.30 e 15.30.

\* Foi criada uma comissão de lazer e diversão, com 1 representante de cada nação, com o objetivo de organizar atividades à noite e também aos domingos.

\* A limpeza dos alojamentos seria feita nas 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, e 6<sup>a</sup> feiras, e a distribuição de roupa de cama com um representante de cada quarto, bem como a distribuição de papel higiênico, sabonete, pasta dental e sabão para lavar roupa.

\* Ficou proibido o uso de bebida alcoólica durante os 30 dias de curso e decidido que o aluno-professor que bebesse durante o curso seria expulso e sua comunidade indicaria imediatamente outro para ocupar o seu lugar.

Finalmente foi distribuído para cada aluno-professor um Kitt de material didático contendo: 1 pasta, 1 caderno, 1 cx. de lápis de cor, 1 cx. de lápis de cera, 1 cx. de hidrocor, 1 lápis, 1 apontador, 1 borracha e 1 cola.

Neste primeiro dia, foi realizado também um mini diagnóstico com os alunos/professores indígenas, com o objetivo de dar maior subsídio à Coordenação e aos professores de Português, Ciências, Matemática e Atividades Econômicas e Uso do Território Indígena para o preparo de suas aulas. A síntese dos dados obtidos neste primeiro contato foi:

## \_\_ MAXAKALI

Formaram 2 grupos : um liderado por Rafael Maxakali (Água Boa ) e outro por Pinheiro Maxakali (Pradinho ) . Todos são do sexo masculino e casados , a maioria com mais de 4 filhos , 2 já são avós ; A idade variando entre 26 a 39 anos ; sem exceção todos trabalham no roçado e ajudam no artesanato . Tiveram durante um certo tempo estudando na Escola da FUNAI, sendo que Rafael e Pinheiro chegaram durante um curto período de tempo a ser monitores das professoras da FUNAI ( dado que as crianças não falam português ) . Assim , frente aos demais alunos-professores , os dois tem um maior domínio da oralidade, da leitura e da escrita tanto do Maxakali como do Português . A única exceção Zezinho Maxakali , por ter mãe não Maxakali , tem um domínio maior da oralidade na língua portuguesa. Ele foi sempre o indicado para falar em nome dos Maxakali, funcionando como tradutor e intérprete de seus colegas professores tanto para falar na abertura como para traduzir e responder as perguntas do diagnóstico . Os demais professores Maxakali, têm um domínio muito pequeno da língua portuguesa , tanto na oralidade quanto na escrita .Entendiam com muita dificuldade ( mesmo com a ajuda de Zezinho ) o que estava sendo dito.



## PATAXÓ

Pertencentes a três grupos familiares distintos ( Moganga, Bayara e Seu Manoel ) os cinco alunos-professores Pataxó são mais jovens que os Maxakali , com idade variando entre 17 e 27 anos . Destes , três são solteiros e 2 são casados com 2 filhos ;Três trabalham no roçado e no artesanato e dois são estudantes. Todos tem o português como primeira língua . Falam , lêem, escrevem e entendem muito bem o português ; Os cinco professores Pataxó tem uma grande experiência na escola tradicional não indígena : um tem 4ª série, um prou na 6ª outro na 7ª e dois já estão fazendo o 2º Grau/Magistério. Dois estudaram por 4 anos nas “ Escolas Rurais Família “ do Espírito Santo e de Minas Gerais . Quatro , já viajaram muito pelo Brasil , e um tem intensa participação na direção da APOINE , das atividades organizadas pelo CIMI /MG , e 1 representa os povos indígenas do Leste e Nordeste no Comitê de Educação Escolar Indígena do MEC.



KANATYC PATAXÓ



## \_XACRIABÁ

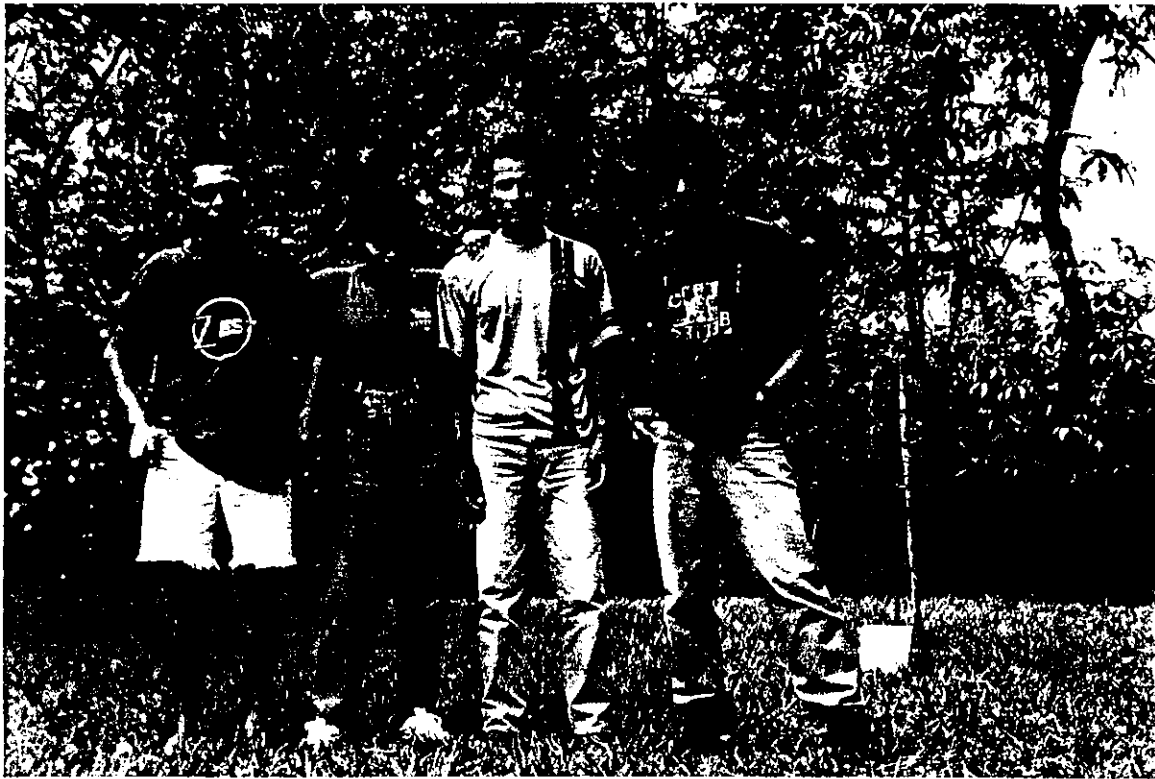
Com um grande incentivo do Cacique Rodrigo Xacriabá, foram eleitos e/ou indicados por suas comunidades 36 alunos-professores indígenas pertencentes a mais de 20 aldeias diferenciadas e geograficamente muito distantes entre si. Considerando a experiência profissional, grau de escolaridade e a idade podemos dizer que eles formam dois grupos bem distintos : um primeiro grupo de aproximadamente 10 alunos-professores indígenas , com a idade variando entre 26 a 38 anos , todos casados , 4 já professores leigos da Prefeitura Municipal com mais de 15 anos de experiência e todos com a 4ª série concluída há mais de 10 anos . Por outro lado temos um grupo de 26 professores bastante jovens , com a idade entre 13 a 17 anos , sendo que a grande maioria completou a 4ª serie já a 2 ou 3 anos ou mais recentemente em 1995 . Neste grupo todos são solteiros , vivendo com suas famílias . Estes 26 alunos-professores tem a sua experiência profissional basicamente na agricultura pois tanto os homens como as mulheres trabalham hoje no plantio do roçado e na criação de gado de corte e leiteiro. Todos tem o português como primeira língua , visto que a língua Xacriabá , é considerada hoje como língua morta .



Alunos - professores Xacriabás

## \_\_ KRENAK

Os 3 alunos-professores Krenak , representam os 3 distintos grupos familiares que ocupam o território Krenak : Maurício (filho de Laurita Krenak), José Carlos (filho do Cacique Nego Krenak) e Marcos (filho de Maria Sônia Krenak ). São jovens , idade entre 19 e 21 anos . São solteiros , sendo que um tem um filho . Trabalham na agricultura ou no artesanato. Os 3 tem o português como primeira língua , falam , lêem , escrevem e entendem muito bem a língua portuguesa . Quanto a língua Krenak Maurício e Marcos falam um pouco de sua língua e serão alunos de suas mães ( Laurita e Maria Sônia ) que foram indicadas para serem professores ainda neste ano de 1996 de Língua e Cultura Krenak . Os três tem já concluído a 4ª série do primeiro grau sendo que apenas José Carlos deu continuidade aos seus estudos ( esta regularmente matriculado e frequentando a 6ª série em Resplendor ).



3 ALUNOS-PROFESSORES KRENAK E 1 XACRIABA

Analisando os dados antes mencionados , conseguimos detectar entre os alunos-professores indígenas de Minas Gerais , 3 grupos distintos :

### \_\_ Grupo 1

Composto pelos 9 professores Maxakali, que têm em comum , o pouquíssimo domínio da língua portuguesa ( a maioria foi falar o Português depois dos 20 anos de idade ), quase nenhuma experiência com a “ escola tradicional não indígena ” e uma relação de conflito explícito com a sociedade envolvente .Até então não tinham participado de nenhum curso , dentro ou fora de suas aldeias .

### \_\_ Grupo 2

Formado pelos 5 professores Pataxó , os 3 professores Krenak e 3 Xacriabá . Este grupo tem um grande domínio da língua portuguesa e uma larga experiência tanto dentro da “escola tradicional não indígena” como em escolas experimentais. Todos tem um domínio razoável dos conteúdos de 5ª a 8ª série , sendo que 2 já estão cursando o magistério . Participam também das reuniões do CIMI , já viajaram para muitos outros lugares, falam bem em publico , são mais desinibidos , participam bastante das aulas , tem a aspiração de fazerem o vestibular ou cursos técnicos agrícolas , etc. Neste grupo, os Pataxó tem uma relação com a sociedade brasileira menos conflitante , visto que tem um ótimo relacionamento com o Prefeito ,com o Secretário Municipal de Educação, com a diretora e professores onde estudam e com a maioria da população de Carmésia . Este não é o caso dos Xacriabá e Krenak , que por conflitos recentes e atuais de terra ,e por varias ações de desrespeito à diferença e à pluralidade étnica , se encontram em geral numa situação de bastante conflito com a sociedade regional envolvente .

### \_\_ Grupo 3

Este grupo, formado pelos muito jovens 33 professores Xacriabá, com media de idade entre 14 e 15 anos , tem em comum além de sua identidade étnica , o fato de serem recém formados na 4ª serie (grande maioria “tirou o diploma” em 1994/1995 ).

Com esta heterogeneidade de povos e de experiências de vida iniciamos o nosso 1º Módulo do Curso de Formação de Professores Indígenas -MG. Na primeira semana, tivemos 48 horas/aula de Português / Leitura e Escrita, com as Professoras da Faculdade de Letras /UFMG, Maria Ines de Almeida e Sônia Queiroz, com o apoio dos monitores, estudantes de graduação da UFMG, Carlos Magno e Charles Bicalho. As atividades de Coordenação ficaram na responsabilidade de Zélia Rezende ( SEE ), Arlene Vilela ( FUNAI ), Gladys Nunes Pinto e Marcos Vinicius ( IEF). Como Assistentes da Coordenação participaram Maria do Carmo C.Carneiro ( DDEC) e Kildare Matos ( IEF). Como visitante tivemos o Professor David Márcio ( IEF ) que realizou uma fala para os índios sobre a importância e a responsabilidade de ser professor.



Português / Leitura e Escrita

Na segunda semana as aulas de Ciências / Biologia foram dadas pela professora Nyelda Rocha de Oliveira, do Núcleo de Educação Ambiental CECIMIG/UFMG e a Coordenação ficou na responsabilidade Márcia Spyer ( SEE/UFMG ) e Arlene Vilela ( FUNAI). Recebemos a visita do Diretor Geral do IEF, Professor Célio Valle, do Secretário Adjunto de Educação, João Batista dos Mares Guia e da Superintendente de Desenvolvimento de Ensino, Lêda Casasanta. Tal visita teve por parte das autoridades presentes, o objetivo de acompanhar as ações do projeto e discutí-las com os alunos-professores indígenas, bem como fazer a divulgação em uma coletiva de imprensa. Esta atividade contou também com a participação de Zélia Rezende, Myriam Alvarez e da representante da Superintendência Regional de Ensino de Januária, Cleide Pereira de Miranda.



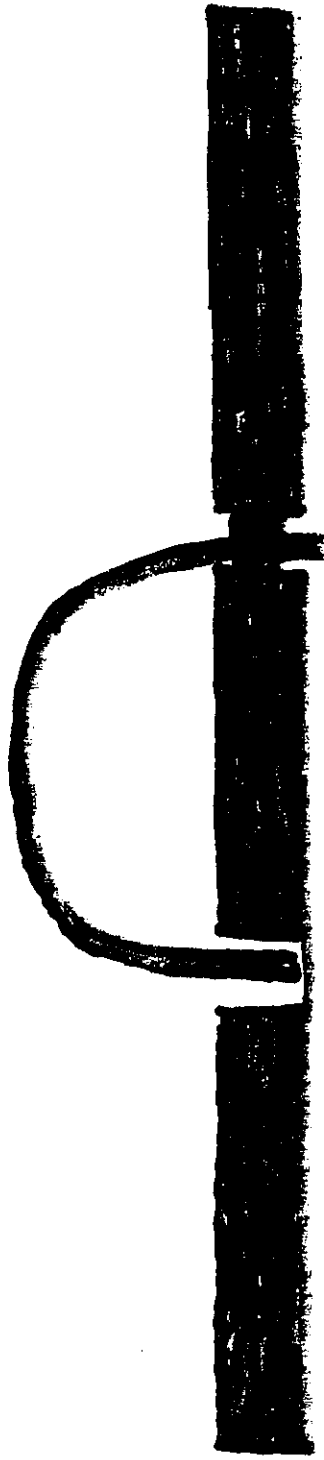
Ciências / Biologia

Na terceira semana , as aulas de Matemática foram dadas pelo Professor Kleber Gesteira, assessor de Matemática e Ciências da CPI-Acre desde 1992. A Coordenação desta 3ª semana ficou sob a responsabilidade de Márcia Spyer ( UFMG e SEE ), Jacinta Antunes ( FUNAI) e Marcus Vinicius ( IEF ) . Contamos com a visita do Secretário Municipal de Educação de Carmésia e da Vice Diretora da Faculdade de Educação /UFMG, Professora Lana Mara de Castro Siman . Como assistente da Coordenação participou Inês Fernandes Tourino (SEE).

Na quarta semana , a disciplina “Atividades Econômicas e Uso do Território Indígena”, matéria sob a responsabilidade do IEF ,foi lecionada pelos técnicos Virgilius Mario Clemente e João Paulo Sarmento . A Coordenação ficou sob a responsabilidade de Myriam Alvares (SEE), Arlene Vilela (FUNAI) e Marcus Vinicius ( IEF ) . Para as atividades de avaliação e encerramento do curso tivemos a participação da Coordenadora geral do Projeto , Márcia Spyer e Cacique Rodrigo Xacriabá .



Apresentamos a seguir , os Programas, materiais didáticos de apoio e relatórios de atividades , dos cursos de Português / Leitura e Escrita , Ciências / Biologia , Matemática e Atividades econômicas e uso do Território indígena .



PORTUGUÊS  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Professores :  
Maria Ines Almeida  
Sônia Queiroz



PORTUGUÊS  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Professores :  
Maria Ines Almeida  
Sônia Queiroz



**CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ÍNDIOS**  
**DISCIPLINA : LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**  
**PROGRAMA / DIÁRIO DE CLASSE**

Segunda - 05/02/96 - M - I

- Debate : Por que aprender português?  
- T - S
- Produção de texto : depoimento escrito sobre sua relação com a língua portuguesa ( onde e com quem aprendeu, por que quer estudá-la mais ) .
- Leitura em voz alta dos textos escritos pelos alunos e de depoimentos escritos por alunos da Escola da Floresta, no Acre.

Terça - 06/02 - M - I / S

- Leitura de poemas diversos em língua portuguesa ( Camões, Bilac, João Cabral, Vinicius de Moraes, Manoel de Barros, Leminski, Fernando Pessoa, Noberto Tene Kaxinawá, Manoel Bandeira) .
- Produção de texto : composição de poemas através do processo "Versos Livres" - recorte dos versos de poemas publicados e recomposição.
- Montagem de varal de poesia.  
- T - S
- Gramática de uso : reelaboração de trechos extraídos dos depoimentos escritos pelos alunos no dia anterior, com explicação, pela professora, das questões gramaticais envolvidas  
- I
- Música e desenho : audição de músicas brasileiras ou interpretadas por brasileiros (inclusive músicas indígenas) selecionadas em função do tema das letras - a aula - e elaboração de desenhos livres.
- Montagem de varal de desenhos.

- O estagiário Magno coordenou, nos dois turnos, trabalho de filmagem dos alunos em torno do tema “O que é ser Maxakali / Pataxó / Krenak / Xacriabá”. Pela manhã saiu com os Maxakali, à tarde, com os Pataxó e os Krenak.
- O estagiário Charles iniciou trabalho de coleta de dados linguísticos, com vistas à elaboração de pequeno dicionário das línguas indígenas representadas no curso.
- À noite, foi projetada a filmagem realizada pelos Maxakali.

Quarta - 07/02 - M - I

- Leitura de textos diversos sobre a lua, o ambiente, a cultura indígena (Textos jornalísticos de Veja e Geográfica Universal, narrativa mítica de Madijadenicca e texto antropológico extraído de Grafismo Indígena e Pintura Corporal).
  - Exposição da professora sobre distinções entre texto literário, científico, jornalístico e oficial.
  - Produção de texto : narrativa literária curta em torno do tema “lua” (prioridade para registro de narrativas tradicionais).
- T - S
- Leitura semiótica de extrato do livro Crianças e Estrelas. (Texto didático)
  - Estruturação de jornal mural - escolha do título, da equipe responsável (editores-chefes e redatores) ; sugestão de pauta para o 1º número: a cerimônia de abertura do curso, a programação de lazer e a alimentação durante os primeiros dias do curso, o Parque Estadual do Rio Doce, as experiências de filmagem em vídeo, o varal e o concurso de poemas e desenhos, a escola indígena.
- Magno continuou o trabalho de filmagem, agora com o grupo Acriabá, que , sendo mais numeroso, foi dividido em três grupos menores.
  - Charles continuou o trabalho de coleta de dados linguísticos, já tendo obtido dados das línguas Maxakali e Krenak.

Quinta 08/02 - M - S

- Reflexão linguística : cópia de palavras dos textos lidos nas aulas anteriores, em fichas de cartolina; consulta ao dicionário e anotação do significado das palavras desconhecidas pelos alunos; agrupamento de fichas segundo critérios diversos escolhidos e explicitados pelos alunos (semelhanças de significado ou de significante); experimentação de outras atividades didáticas com fichas de palavras, proposta pela cartilha da Escola da Floresta.

- T - I

- Projeção das filmagens realizadas com os alunos nos dias 06, 07 e 08 (manhã) e debate sobre a qualidade e o interesse das cenas gravadas, com vistas à definição de cortes e acréscimos nas filmagens; anotação dos resultados das observações.

Sexta 09/02 - M - I

- Leitura em voz alta, pela professora, d' O Livro da Escrita, de Ruth Rocha e Otávio Roth.

- Produção de texto: resumo oral e, posteriormente, escritor do texto lido.

- S

- Reflexão linguística : escrita dos nomes próprios em fichas de cartolina; experimentação de atividades didáticas com fichas de nomes propostas pela cartilha da Escola da Floresta; criação de nomes próprios apartir das letras do próprio nome e registro em fichas de cartolina.

- T - S

- Produção de texto : criação de personagem apartir do novo nome e elaboração de perfil (descrição).

- T - I

- Produção de texto : os alunos que compõem as equipes de editores-chefes, redatores e repórteres com matéria pautada trabalharam na redação dos textos do jornal mural.

Sábado 10/02 - M - S

- Projeção do vídeo Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto - narrativas orais da Serra do Cipó.
  - Apresentação de proposta de pesquisa a ser realizada pelos alunos :
    - 1) gravação de narrativas orais com pessoas (especialmente as mais velhas) da aldeia; instruções sobre técnicas de gravação : abordagem do contador, registro de dados referentes a ele, manipulação do equipamento;
    - 2) registro escrito das histórias gravadas, eliminando repetições e oscilações próprias da língua oral e acrescentando as palavras que se fizerem necessárias para o entendimento da história; instruções sobre o processo de transcrição / tradução.
  - Exercício de gravação e transcrição de narrativa oral curta.
- T - I
- Avaliação do primeiro módulo de Língua Portuguesa e Literatura e levantamento dos conteúdos a serem trabalhados nos próximos módulos da área de linguagem.
  - Encerramento dos trabalhos do primeiro módulo de Língua Portuguesa e Literatura : lançamento do jornal mural (Jornal das Tribos de Minas) ; projeção de vídeo de dança ritual Maxakali - Tatakox (gravado na manhã de 10/02); sarau literário e musical.

Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz  
Professoras do Departamento de Letras Vernáculas da UFMG

Carlos Magno e Charles Bicalho  
Monitores — estudantes da graduação da UFMG

## LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Relatório apresentado à Coordenação do  
Curso de Formação de Professores  
Indígenas de Minas Gerais para avaliação  
dos trabalhos realizados no módulo 1 pela  
disciplina Português: Leitura e Escrita, no  
período de 04 a 10 de fevereiro de 1996.

Belo Horizonte, fevereiro de 1996

Na disciplina Português: Leitura e Escrita exploramos com os alunos o uso de várias linguagens: a verbal (oral e escrita), a musical, a audiovisual, a plástica, a corporal. Na linguagem verbal trabalhamos com textos literários, abrangendo narrativa e poesia, e textos informativos, que incluem o jornalístico, o científico, o didático. Procuramos proporcionar ao aluno condições de atuar como sujeito da linguagem, colocando-o sempre em contato produtivo com as diversas formas de expressão.

A linguagem que mais favoreceu a expressão cultural de todos os grupos, — sobretudo os maxacalis e os krenaks, que são os mais conscientes da sua indigenidade — sem dúvida, foi o vídeo. Atribuímos esse fenômeno à natureza plural e sintética do vídeo. A imagem, que diz mil palavras, aliada à plasticidade e à sensorialidade das próprias formas e cores das coisas, do mundo, mais a voz, pensamos que são elementos que, unidos, sobrepujam, em muito, a potencialidade expressiva da escrita, do desenho, do canto, embora nessas outras linguagens esses dois grupos tenham também apresentado habilidades impressionantes; por exemplo, o caso de Marcos Krenak, que já é um artista plástico.



*Durante o curso realizaram-se aulas ao ar livre  
buscando-se o meio natural dos alunos*

Concordamos com a idéia de Celso Lafer (*Folha de São Paulo* - caderno Mais, 11/02/96) de que uma das condições de governabilidade no mundo contemporâneo (diríamos, de emancipação) é a capacidade de se processar, simultaneamente, a cultura do saber e da informação, sob pena de se ficar à deriva, sem lugar na sociedade. Portanto, além do Curso de Formação dos Professores Indígenas dar conta da reflexão acadêmica, da introdução de conceitos e formas de expressão necessárias à produção e expansão do pensamento científico ou lógico, deve também dar conta da capacitação tecnológica necessária para a divulgação e consolidação desse pensamento na vida do aluno. Caso

contrário, ele nem chegará, em termos físicos e políticos, a se colocar no mundo da dominação branca.

Já foi possível detectar alguns problemas recorrentes na expressão escrita dos alunos: pontuação (virgula, ponto, inclusive questão de uso de letras maiúsculas), concordância e flexão verbal. Sugerimos que se prepare material tipo *Breviário da Conjugação de Verbos* com o sistema flexional brasileiro (sem tu e vós) ou que se adquira o próprio *Breviário* para os alunos.



*Foram desenvolvidas atividades de escrita a partir da leitura de textos literários e informativos*

Quase todos demonstraram uma aptidão especial para a poesia. Isto, pensamos, se deve ao fato de se encontrarem numa situação (pelos costumes, meio ambiente, tradições) de não banalização e quase supervalorização da palavra, sobretudo a escrita. Nas atividades de criação poética, eles apresentaram, com algumas exceções, resultados para além da expectativa criada pela dificuldade com a escrita. Acreditamos que, neste curso, o que melhor resultou em produção, envolvimento e prazer adveio dos exercícios de poética.



*O jornal foi um veículo criado para a expressão das opiniões e exercício da linguagem informativa*

A máquina de escrever foi introduzida na sala de aula, através de montagem de laboratório de redação do jornal mural. Utilizamos uma máquina elétrica da secretaria do curso (cremos que pertencente ao IEF) e uma máquina mecânica trazida pela FUNAI. Seria interessante testar o microcomputador no próximo módulo, pois achamos que ele pode agilizar e promover em muito o trabalho dos alunos. Talvez com um operador, que poderia ser um estagiário da UFMG. Os alunos interessados em aprender teriam acesso à operação monitorada. Não cremos que se deva, no entanto, eliminar as máquinas de escrever; de fato serão elas os instrumentos mais acessíveis que eles terão à sua disposição nas escolas indígenas.





*A máquina de escrever foi um instrumento fundamental na produção do jornal mural feito pelos alunos*

A turma apresentou heterogeneidade em termos de letramento: os mais letrados são os pataxós Antonio, Walmores, Salvino e, em menor grau, Vanusa. Em segundo lugar, alguns poucos xacriabás e Marcos e Zé Carlos, krenaks. Maurício Krenak fala e escreve um português estruturalmente diferenciado, acreditamos que marcado pela língua Krenak.

Durante o curso, optamos pelo atendimento individualizado aos alunos que tinham dificuldades em determinados pontos da matéria. Desta forma, aqueles que se encontravam em desvantagem curricular com relação à maioria dos colegas (já que a turma era muito heterogênea) podiam andar lado a lado com o restante dos alunos, sem prejuízo do conteúdo apresentado no curso. Nesses atendimentos individualizados, observamos que os alunos têm uma vontade incessante e frenética para o aprendizado, aproveitando cada momento de aprendizagem e interação com os professores e colegas.



*O atendimento individualizado foi uma extensão da sala de aula.  
em que os alunos intensificaram o aprendizado*

Os maxacalis estão em situação de aquisição de uma segunda língua, com a desvantagem de não dominarem os códigos culturais deste segundo universo. Dentre eles, aquele que tem mais trânsito na cultura e língua brasileiras é José Ferreira (Zezinho). Gilmar é quem tem mais resistência em aprender e se fecha mais. Zelito, Guigui e Gilberto se esforçam e se interessam muito, apresentando muita disponibilidade para aprender. Notamos que Guigui dificilmente repetia uma incorreção ortográfica após a nossa explicação do "jeito certo". E João Bidé (também maxacali) demonstrou muita vontade e esforço para aprender, procurando, sempre que encontrava maiores dificuldades, o atendimento individualizado para realizar as atividades de escrita.

Notamos também que os maxacalis preferem, na sua produção textual, o processo da tradução, ou seja, escrevem em língua materna, depois "passam" para o português. Só que esta passagem nunca se dá literalmente. Este e vários outros indícios apontam para um tipo de escrita que, a nosso ver, tem uma estrutura ideogramática, semelhante à língua maxacali, cujas palavras estão mais para ideogramas, embora se escreva em correspondência fonética (sons que se representam e palavras com valor de idéias). É como se eles pensassem melhor, sobre uma questão proposta, em maxacali, e depois repensassem ou reformulassem em português a mesma questão, resultando num

segundo texto em português, não como tradução literal, mas como reformulação, e, no caso literário, recriação (por exemplo, o texto sobre a lua).

É precária a situação sócio-cultural da maioria dos xacriabás (exceção-se os que se colocam em posição privilegiada em termos políticos e históricos na nação, como José Nunes, filho de Rosalindo). As meninas, sobretudo, mais se assemelham às nossas caboclas, com toda graça e tristeza que isso representa. São extremamente espertas, vivas e charmosas por um lado, e, por outro, do ponto de vista do conhecimento livresco e formal da escola, da linguagem e dos códigos de comportamento exigidos pela profissão do magistério, elas necessitam de muito exercício corporal e lingüístico para adquirirem mais desenvoltura.

É fundamental que os alunos tenham a oportunidade de reaprender a sua língua materna (aqueles que não mais a falam) e que se preserve a fala daqueles que ainda usam a sua língua, oferecendo recursos como cartilhas e livros que tratam das línguas indígenas para que eles possam resgatar sua cultura. Porque um dos desejos recorrentes expressos pelos alunos foi o de (re)aprenderem a língua materna e resgatarem e preservarem sua cultura. Para isso seria interessante que houvesse um incentivo à produção de material pelos próprios alunos (a médio e longo prazo) para ser usado nas suas escolas. Por exemplo, a edição de apostilas produzidas pelos alunos através de trabalho de pesquisa de histórias e costumes indígenas.

Por ainda não terem sido massacrados por um ensino equivocado, como costumeiramente se observa na educação tradicional, os alunos têm uma relação muito mais aberta e sincera, menos competitiva e mais comunitária com o aprendizado.

É importante que as escolas indígenas sejam um espaço onde os alunos encontrem possibilidades para se expressarem livremente e de acordo com suas vontades e sua própria cultura, já que uma das principais reivindicações dos alunos é que a escola seja um espaço onde eles possam contar a própria história, constituindo-se, assim, num instrumento de libertação.



*As atividades foram desenvolvidas dentro de um espírito de integração e cooperação entre alunos e professores*

Diante destas observações, gostaríamos de apresentar à coordenação do curso as seguintes sugestões:

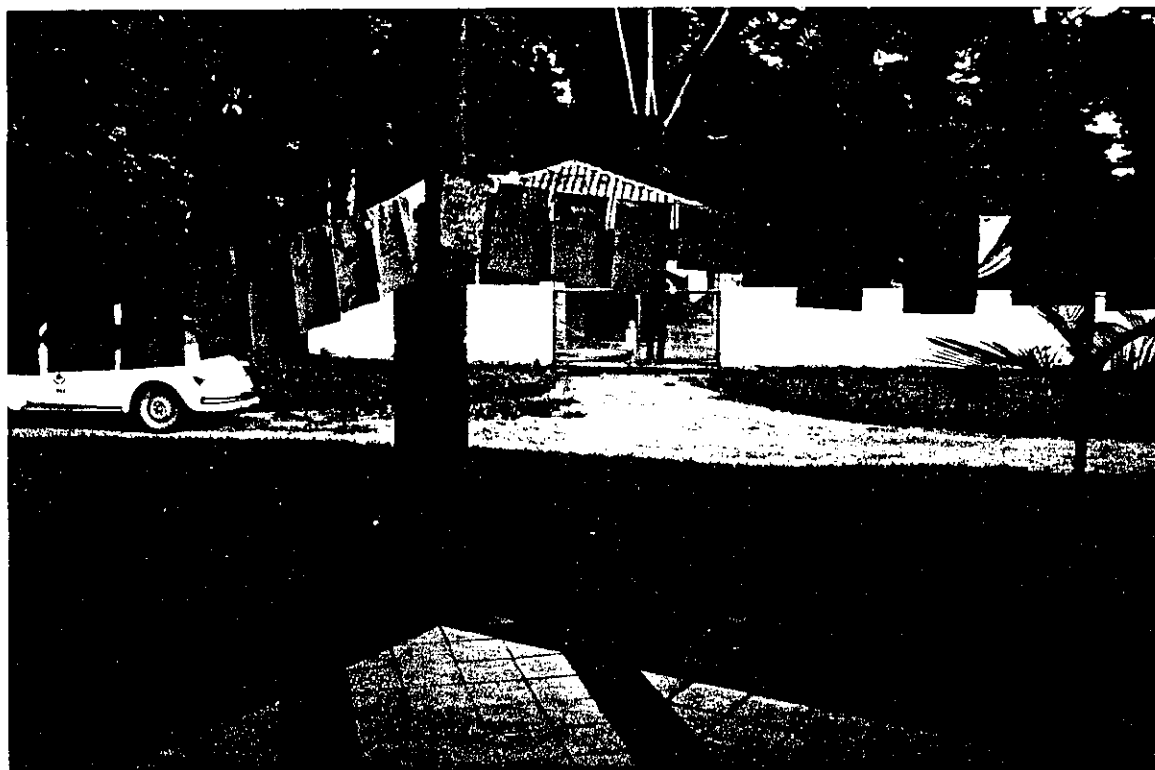
a) O reforço na formação multimídia. Sabemos que a tendência mundial é o desenvolvimento da televisão comunitária, por segmento e demanda localizados. Veja-se o caso da TV *Mocoronga* no Amazonas. Acharmos perfeitamente viável e muito mais eficaz politicamente os indígenas se apropriarem dos instrumentos de produção, e, munidos de meios de comunicação poderosos, como o cinema e a TV, se tornarem sujeitos da linguagem.

b) O reforço do treinamento técnico necessário à produção da escrita. Capacitação no uso de computadores e de filmadoras.

c) Se os alunos desejam aprender o português escrito, é imprescindível o contato com publicações: livros, jornais, revistas, obras de referência (especialmente tudo sobre culturas indígenas), literatura e o que mais puder interessá-los. Sugerimos contato com os carros-biblioteca da Superintendência de Bibliotecas do Estado - via SEE - e da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Sugerimos também a aquisição de um *Mini-Aurélio* para cada aluno, como parte do material escolar.

d) A prioridade da abordagem poética no trato com as diversas linguagens, pela vantagem que o apelo sensorial apresenta com relação ao intelectual. Com isso, sugerimos, para acelerar o processo de letramento deste grupo, o máximo de trabalho com poesia (leitura e produção de textos poéticos).

e) A inclusão, no programa do curso, das artes plásticas, que são quase que "naturais" para a maioria dos alunos, aproveitando justamente o fato da escola (quase ausente nas suas vidas) não ter ainda deformado seu senso estético e sua expressão artística. Sugerimos a contratação de profissionais como Daisy Turrer, que faz um trabalho excelente com Educação Artística na Rede Municipal de BH.



*As artes plásticas foram exploradas como mais uma linguagem a ser desenvolvida pelos alunos*

## Sondagem realizada com os alunos

— Que linguagem você acha mais importante aprender no curso?

- .O português falado na comunicação de todo dia
- .O português escrito dos jornais
- .O português falado na televisão
- .O português escrito dos documentos do governo
- .O português escrito pelos cientistas
- .O vídeo
- .A música
- .O desenho e a pintura

80% dos alunos acham importante aprender todas as linguagens citadas, sem exceção.

— O que você acha que faltou nas aulas de Português: Leitura e Escrita desta semana?

A maioria dos alunos respondeu afirmando não ter faltado nada. No entanto, 31% acharam que devia haver mais reflexão gramatical.

— O que você achou importante nas aulas desta semana?

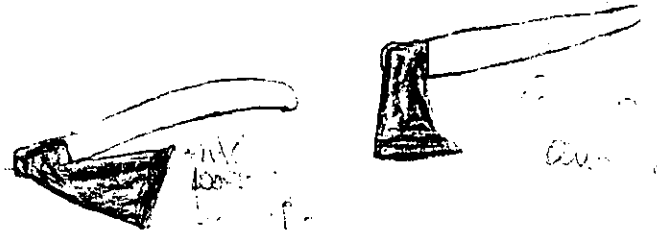
Quase a totalidade dos alunos achou mais importante exercitar a escrita da língua portuguesa, variando entre escrever histórias, fazer poesia e produzir o jornal.

— De qual atividade você mais gostou?

A maioria dos alunos gostou mais da criação de poemas. Depois veio a escrita de histórias e, em seguida, a filmagem.

— De qual atividade você menos gostou?

Alguns alunos ofereceram mais resistência ao desenho. Alegaram que “não sabiam” desenhar. (Estes são justamente alguns alunos xacriabás e pataxós, que são mais aculturados e já sofreram, pois, a influência da educação tradicional, que costuma reprimir a expressão artística. Por outro lado, os maxacalis, menos aculturados e sem a influência da educação tradicional, se expressaram livremente através do desenho, inclusive espontaneamente, e gostaram).



# MATEMÁTICA

Professor  
Kleber Gesteira de Matos

# MATEMÁTICA

Professor  
Kleber Gesteira de Matos

**I CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS****MINAS GERAIS****CURSO DE MATEMÁTICA****DATA DE REALIZAÇÃO: 19 A 24 DE FEVEREIRO DE 1996****RESPONSÁVEL: KLEBER GESTEIRA MATOS**

O principal objetivo do I Curso de Matemática foi de construir um diagnóstico o mais preciso possível das necessidades e possibilidades da educação matemática junto às populações indígenas de Minas Gerais.

Como fruto da observação direta e da vivência junto aos professores nos seis dias de curso constatamos:

**1) A necessidade de um trabalho diferenciado para 4 grupos de professores:**

Grupo 1 - Os Professores Maxakalis

Com pouco domínio da Língua Portuguesa, nenhuma experiência escolar, forte resistência cultural, uma história de contato com a sociedade branca marcada por muito preconceito e violência, os professores Maxakalis necessitam de atenção especial para que possamos desenvolver com eles um trabalho relevante de Educação Matemática.

É necessária uma ampla pesquisa sobre seus etno-conhecimentos, sobre como manipulam quantidades, pesos e medidas, sobre como estruturam o espaço familiar e comunitário.

A partir da sistematização dos dados dessa pesquisa, que deverá necessariamente incluir visitas às duas áreas Maxakalis, é que teremos a possibilidade de desenvolver um curso de Matemática que os torne sujeitos de seu aprendizado e que não seja a mera transmissão de conceitos e técnicas matemáticas da sociedade envolvente.



### Grupo 2 - Professores Pataxos

Ocupando um lugar quase diametralmente oposto ao Grupo 1, os Pataxos apresentam um amplo domínio de conceitos e técnicas matemáticas ocidentais. Para este grupo o mais pertinente seria o desenvolvimento do trabalho em 3 níveis:

- I - Aprofundamento dos conhecimentos matemáticos;
- II - Desenvolvimento de metodologia de pesquisa e sistematização de conceitos matemáticos originários de seu grupo;
- III - Reflexão sobre a didática e prática do Ensino de Matemática.

A possibilidade dos Pataxos iniciarem suas atividades como professores já no segundo semestre de 96 torna urgente a definição de um currículo mínimo de Educação Matemática diferenciado para as crianças Pataxós.

### Grupo 3 - Professores Krenax e parte dos Professores Xacriabá

Este grupo é composto pelas professoras Xacriabá com larga experiência em sala de aula, por alguns Xacriabá que viveram bom tempo fora da área indígena e pelos 3 professores Krenak: percebem a importância da pesquisa dos conhecimentos tradicionais do seu grupo; tem um domínio razoável dos conceitos matemáticos básicos (quatro operações, sistemas de medidas, sistema monetário, frações ordinárias, etc) e estão motivados a discutir sobre a prática de ensino da Matemática.

Para este grupo a continuidade de desenvolvimento do currículo de Matemática correspondente às séries intermediárias do ensino fundamental, aliado a reflexão pedagógica, possibilitará um trabalho consistente nas próximas fases deste curso de formação.

### Grupo 4 - Aproximadamente um terço dos Professores Xacriabá

Apresentam um domínio precário dos conceitos matemáticos básicos. Junto a este grupo recomendamos um trabalho de pós-alfabetização conjugado com a permanente discussão e pesquisa dos conhecimentos matemáticos originais de sua comunidade.

- 2) **Organização de grupos de trabalho para desenvolvimento das pesquisas em área visando a coleta e sistematização de dados referentes aos etno-conhecimentos de cada grupo.**

- 3) **Estruturação de um currículo de educação matemática para a formação dos professores indígenas e construção de um currículo de matemática para as escolas indígenas em Minas Gerais.**
- 4) **Confecção de material específico para cada um dos quatro grupos, a ser utilizado no próximo módulo do curso de formação.**
- 5) **Registro da prática educativa dos professores indígenas que já estão lecionando visando a análise da possível construção de uma "Pedagogia Indígena" nas escolas estabelecidas em cada área.**

Além do diagnóstico pretendíamos neste I Curso proporcionar uma homogeneização mínima no grupo de professores quanto ao domínio de conceitos e técnicas operatórias da chamada matemática escolar. Dada a extrema diversidade de níveis de competência entre os professores não atingimos o objetivo proposto.

O máximo conseguido foi trabalhar com relativa eficiência as técnicas referentes as quatro operações (com exceção dos Maxakalis).

Os últimos objetivos perseguidos neste primeiro módulo do Curso de Matemática foram: introduzir a discussão sobre a prática de Ensino de Matemática e ressaltar a importância dos etno-conhecimentos matemáticos dos membros de cada nação.

Dada a pouca sistematização dessas discussões devido ao curto intervalo de tempo, estes tópicos foram apenas esboçados nesse primeiro módulo.

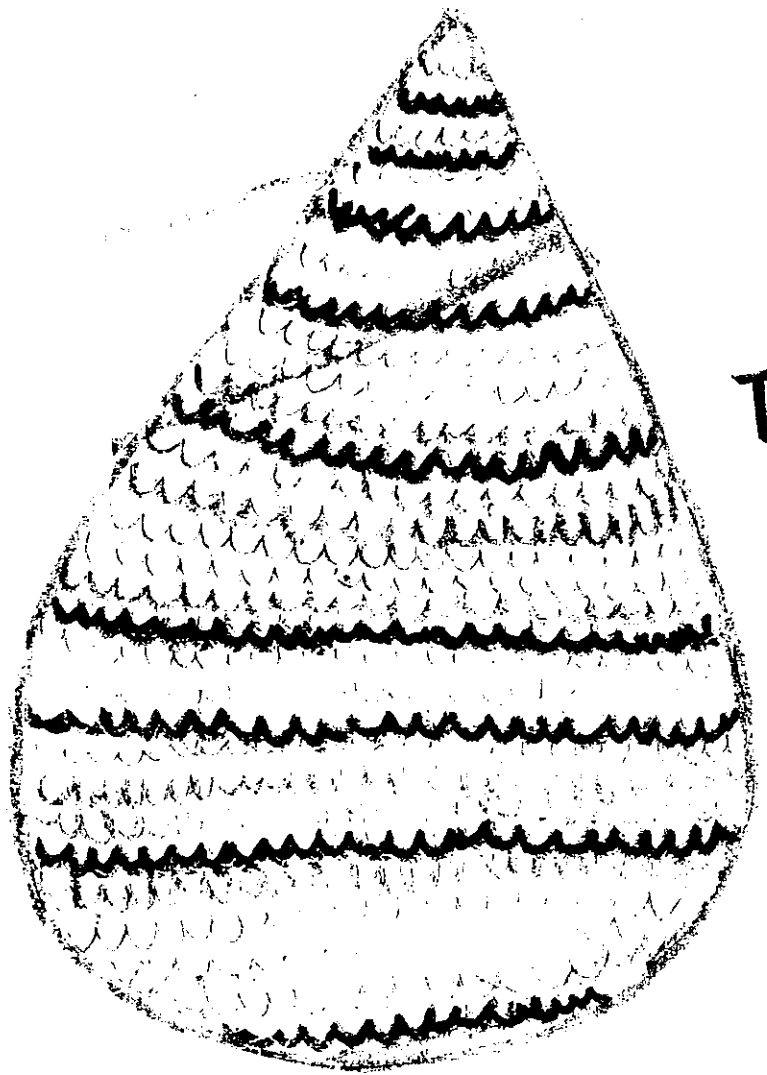
### PROGRAMAÇÃO DESENVOLVIDA

- 19/03 - Sondagem inicial através de entrevista com grupos de professores e aplicação de teste escrito individual.
- Materiais que podem ser utilizados nas aulas de matemática.
  - Registro de jogos que podem ser empregados em um Curso de Matemática.
  - Multiplicação de números inteiros.
  - Formas alternativas de se apresentar uma multiplicação.

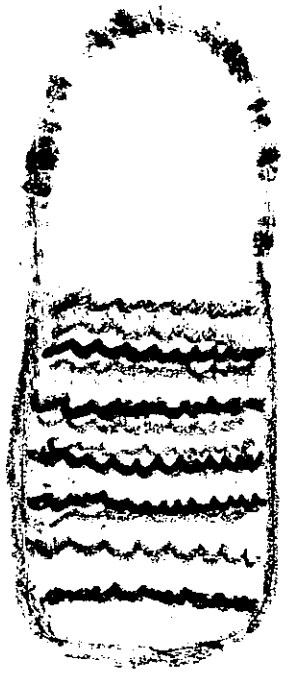
- 20/03 - Discussão sobre os objetivos do Ensino de Matemática.
- Sistema decimal de numeração.
  - Construção e uso de diversos tipos de ábaco.
  - Produção de desenhos ilustrando conceitos e/ou operações matemáticas.
  - Divisão: distribuição de objetos.
  - Divisão: “Processo Longo”: algoritmo inicial.
  - Discussão sobre como a criança percebe a divisão.
- 21/03 - Multiplicação e divisão como operações inversas.
- Divisão: “Processo rápido”: algoritmo.
  - Uso de situações problema para abordar a divisão.
  - Utilização do “Quadro Valor de Lugar.”
  - Discussão sobre a necessidade de materiais escritos preparados pelos professores indígenas.
- 22/03 - Unidades de Medida
- Sistema métrico decimal.
  - Técnicas de medição e unidades de medida utilizadas na área indígena.
  - Medidas de distância.
  - Múltiplos e sub-múltiplos.
  - Produção de desenhos ilustrando processos de medição.
  - Medidas de massa.

- 23/03 - Medidas de área
- Medidas de volume.
  - Sistema monetário.
  - Frações ordinárias.
  - Discussão sobre trabalho de pesquisa a ser desenvolvido por cada professor na área.
- 24/03 - Introdução de jogos numéricos, “quebra-cabeças” e desafios envolvendo números.
- Utilização do bingo, dominó e baralho junto às crianças.
  - Introdução aos números decimais.
  - Representação dos números decimais.
  - Avaliação do curso.

*Klob g vahr.*



TERRE



Sacola

Todo Bipe Magnifico

CIÊNCIAS  
BIOLOGIA  
Professora  
Nyelda Rocha de Oliveira

CIÊNCIAS  
BIOLOGIA

Professora  
Nyelda Rocha de Oliveira

## Integração Grupal

### Diversidade

Existe uma divisão biológica, mas há também uma sócio-diversidade, uma diversidade cultural, uma bio-sócio-diversidade.

### Modelos Sociais

- Quem sou eu?
- Quem somos nós?
  - Como são as pessoas?
  - Que faço aqui?
  - Qual a minha expectativa?

( Autoconhecimento, Descobertas, Memória)

- Importante no início do curso que se tenha clareza para o que se quer.
- Como nos relacionamos com as diferenças? Existe o natural humano e o natural não humano. ( Uma árvore aqui é a mesma no Japão. Mas uma pessoa não o é.)
- Se o ser humano é igual biologicamente, porque tanta diferença?
- Somos diferentes de todas as outras espécies vivas. temos mãos que, comandadas por um cérebro bem desenvolvido, podem transformar o mundo.
- Somos iguais enquanto membros da mesma espécie, mas ao mesmo tempo cada um de nós é único e diferente de todos os outros seres humanos.

### Atividade

- 1- Impressão Digital
- 2- Quem passou por aqui?
- 3- Agenda de um dia inteiro.

"A mão- explicou Dona Benta- é a evolução duma pata dianteira. Todos os quadrúpedes possuem patas dianteiras que empregam para andar e também para fazer muito desajeitadamente o papel das mãos. Repare o gatinho. Quando pega qualquer coisa, pega com os dentes, procurando auxiliar-se com as patas dianteiras. Infelizmente para ele essas patas dianteiras não possuem os dedos que temos em nossas mãos e o auxílio que prestam ao gatinho é bem pequeno. A grande coisa que aconteceu com a mão do homem foi o encoprimento dos dedos e a colocação do polegar em oposição aos outros quatro. Ficou, assim, transformada num maravilhoso instrumento de agarrar. A torquês ou o alicate é uma mãozinha de ferro com dois dedos apenas, um oposto ao outro. Se esses dedos estivessem um ao lado do outro, de nada valeriam. O importante é estarem em posição oposta, pois que isso permite agarrar.

Com a disposição oposta do polegar, a mão do homem tornou-se prodigiosamente hábil para fazer mil coisas impossíveis aos animais, cujas patas dianteiras têm dedos semelhantes aos dos pés. O dedo polegar! O mata-piolhos! Eis o grande progresso. Se reduzirmos nossas mãos a dois dedos apenas, sendo um o polegar, ainda podemos fazer mil coisas; mas se cortarmos o polegar, deixando os outro quatro, babau! Não podemos fazer quase nada com eles."

( Do livro *Histórias das Invenções*, de Monteiro Lobato, Editora Brasiliense. SP.)

## CONCEITO DE NATUREZA

O conceito de natureza, para uma dada sociedade, se exprime essencialmente por uma construção cultural. Cada sociedade possui algo que poderíamos denominar e "criatividade cultural", explicitada na forma como esta socializa a natureza.

No conhecimento indígena da natureza podemos observar que há:

- Reconhecimento de espécies faunísticas e florísticas.
- Técnicas específicas de manejo: plantio, caça, pesca e coleta.

Possuem um conhecimento minucioso do meio natural e que reconhecem não somente a diversidade biológica como também a diversidade ecológica. Há uma utilização pragmática da natureza.

Entretanto, é fundamental dizer-se que as relações entre sociedades indígenas e a natureza não estão pautadas exclusivamente, pelo conhecimento da biodiversidade ou por técnicas de manejo florestal. Existem sistemas complexos no teatro destas relações e que ficam evidentes em campos diversos da vida social, como os rituais, os mitos, os contos, os ornamentos, a medicina indígena, as crenças o xamanismo, a noção de pessoa, as doenças, os tabus alimentares e em certas práticas cotidianas.

Assim, o mundo das plantas e dos animais está carregado de sentido simbólico.

As relações que se estabelecem são manifestações do modo pelo qual uma dada sociedade concebe o universo (Cosmos) e ,nele, situa a humanidade, também definida segundo critérios culturais próprios.

Há, ainda, uma terceira forma de se perceber a natureza e que vai além da utilização pragmática e simbólica. Diferentes sociedades tradicionais ordenam e classificam a natureza.

Agrupar e nomear de forma hierárquica e inclusiva ( o que significa: pensar taxonomicamente), é algo compartilhado por todas sociedades.

Portanto, podemos dizer que existem 3 tipos de relações que se estabelecem entre uma dada sociedade e a natureza.

1º- Sistema explícito e pragmático, que agrupa em uma mesma categoria vários elementos diferentes, segundo o critério da utilização que têm para os membros de cada sociedade em particular.

2º- Sistema implícito e latente, estruturado por uma finalidade simbólica, definido pelos significados culturalmente elaborados atribuídos no contexto de cada sociedade, em particular, ao domínio e aos seres da natureza.

3º- Sistema de categorias explícitas e ideais, que recorta o universo em classes morfológicas, agrupando, distinguindo e nomeando a diversidade faunística, independentemente de qualquer utilização prática: é a classificação das espécies naturais, própria da atividade taxonômica.

"O HOMEM É TIDO COMO PARTE DE UM CONJUNTO DE SISTEMAS SUPRA-INDIVIDUAIS. OS QUAIS-SEJAM ELES BIOLÓGICOS OU CULTURAIS-TRANSCENDEM NOSSAS VIDAS. NO ÂMBITO DESSES SISTEMAS, A SOBREVIVÊNCIA E A PRESERVAÇÃO DE CERTA QUALIDADE DE VIDA SÓ SE TORNA POSSÍVEL SE SE PERMITE QUE EVOLUAM, DE ACORDO COM SUAS NECESSIDADES ESPECÍFICAS. TODAS AS FORMAS DE VIDA".



**Atividade:**

Construir painel por grupos.

Painel Coletivo.

- O conceito de natureza não é natural
- A cultura é aquele jeito de ser de cada povo, de pensar, de trabalhar, de fazer a roça, de fazer rede.
- De fazer festa, de dançar, de cantar.
- De falar, de rezar e fazer a religião.
- De se defender da opressão.
- De se vestir
- De se enfeitar.
- De fazer guerra.

---

## 2º DIA- MANHÃ

### ELEMENTOS DO AMBIENTE

- Admirar a diversidade e a variedade do mundo vivo.
- Observar o jeito de viver de cada um.
- Interação dinâmica entre os elementos da natureza.
- Dimensão do lúdico, do prazer, como parte integrante do processo criativo.
- Valorizar o processo educativo como ponto de encontro, onde as pessoas possam ter acesso a experiências, relações e valores novos.

### CONCEITO DE AMBIENTE

Considera-se meio ambiente o conjunto de condições que afetam a existência, desenvolvimento e bem-estar dos seres vivos. Não se trata, pois apenas de um lugar no espaço, mas de todas as condições físicas, químicas e biológicas, que favorecem ou desfavorecem o desenvolvimento da vida. Optamos por não utilizar a palavra meio porque ela poderia suscitar associações que prejudicariam a compreensão da criança( meio lembra o que não é inteiro, metade)

### CLASSIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS DO AMBIENTE

#### TRABALHO DE CAMPO:

O equilíbrio entre responsabilidade individual e coletiva, a percepção de que nós, seres humanos, somos parte do grande sistema vivo que é o planeta Terra) e não somos o centro desse Sistema), são atitudes essenciais na descoberta de soluções para os problemas ecológicos e portanto, para nossa própria sobrevivência.

Mais que transmitir informações ou conceitos abstratos, o objetivo, ao focar os seres vivos em suas relações com o ambiente, é criar oportunidade para que as pessoas se sintam parte dele e interiorizem atitudes de participação criativa na solução dos problemas ao seu redor.

### TARDE

- Jogando para classificar

## CONHECENDO UMA ÁRVORE

Cada grupo deve levar uma lupa, três a quatro folhas de papel e um lápis de cêra ou de grafite para realizar essa tarefa.

Cada grupo deve escolher uma árvore específica para observar. Depois tentem realizar as tarefas seguintes e responder as questões propostas, trocando idéias sobre suas respostas:

1- Ainda afastados da árvore, tentem definir sua forma geral. Imaginem a forma e tamanho de seu sistema radicular. Os galhos apontam para o alto, para baixo ou estão paralelos ao chão? Reparem o lugar onde ela se desenvolve. Ela está em crescimento? como vocês podem saber?

2- Contornem a árvore, abracem seu tronco, passem as mãos sobre sua casca para perceber sua textura. Reparem a cor, a ocorrência de danos ou não. Se possível, recolham a impressão gráfica do relevo da casca, com papel e lápis cêra. Perceba como você se sente sob a sua copa. Procure perceber e discriminar sons nesse local.

3- Você pode coletar uma folha caída no chão? Se puder, tire sua impressão, reparando bem sua forma, cores, cheiro ou presença de glândulas. Observe contra o foco de luz forte, como se ela fosse transparente. É possível distinguir folhas novas e velhas? Organizar uma sequência cronológica de desenvolvimento das folhas? Repare também o modo como as folhas se distribuem nos galhos. Como é possível reconhecer uma folha numa árvore?

4- Sua árvore está com flores, frutos ou cones? Se está, como, são eles? Que partes das flores caem no chão? E quais a árvore conserva? Em que época do ano isso acontece? É possível supor como as sementes dessa árvore se espalham?

5- Procure indícios de habitantes ou visitantes da sua árvore. Reflita sobre como esta árvore interage com diversos organismos.

6- Imagine e execute um meio de estimar a altura da sua árvore.

7- Sua árvore está saudável? Como você pode saber? De que cuidados ela precisa? Quem cuida dela? Discuta com seus colegas algumas situações que favorecem a perda de saúde de uma árvore ( pragas, incêndio, descargas elétricas, podas, desnutrição ou outras condições desfavoráveis de desenvolvimento). Uma árvore tem algum valor quando está morta? Uma floresta sadia pode ter árvores doentes? Como seria o ponto de vista dos indivíduos a seguir sobre o que seria uma árvore sadia u uma árvore doente: um artista, um ecologista, um paisagista, um engenheiro florestal, um madeireiro, um dono de uma floresta plantada.

## **4º, 5º e 6º DIAS: SAÚDE COMO COMPREENSÃO DA VIDA**

- Entender situações imediatas que podem afetar a qualidade da saúde de cada um.
- Desenvolver modos de olhar e pensar ao problemas de saúde.
- Estabelecer ligação entre informações novas sobre saúde e as experiências de vida dos próprios alunos.
- Tentar ver e conhecer como as pessoas enxergam a sua própria vida.

### **OS MODOS DO HOMEM MORAR E A SAÚDE**

1- Lugar de Morar. Além das Quatro Paredes.

- Para que serve a casa?
- Que significa ela para você?

Todos necessitam de uma casa; mas será que, para morar, uma família só precisa de uma casa?

- Faça uma lista das atividades diárias de uma família.
- Quais dessas atividades são também feitas fora de casa?
- Faça uma lista das coisas utilizadas no dia-a-dia de uma família.
- Com relação às coisas que uma família precisa usar todos os dias, responda:
  - Como cada uma dessas coisas chega em casa?
  - De onde vem elas vem?
  - Depois de utilizadas, para onde vão os restos e as sobras dessas coisas?

Em grupo. Juntar os registros, informar aos colegas sobre o que cada um respondeu e fazer um desenho esquemático, mostrando as ligações que se estabelecem, diariamente, entre uma casa e os lugares.

### **SAÚDE DO LUGAR EM QUE MORAM**

Para estudar a situação de saúde do lugar em que moram, cada aluno começará respondendo individualmente e por escrito, às seguintes perguntas:

- Você acha que tem saúde? Por quê?
- O que você acha mais importante para manter a sua saúde? Por quê?
- Por que as pessoas adoecem?
- Na sua opinião, quais as doenças de que mais sofrem as pessoas do lugar onde você mora? Por quê?
- Quais as causas dessas doenças?
- Dessas doenças, quais as que matam mais gente? Por quê?

Fazer um quadro coletivo com as doenças mais comuns que foram citadas, seus sintomas e suas causas.

Museo Krenak

Professores  
Virgilius Maro Clemente  
João Paulo Sarmento



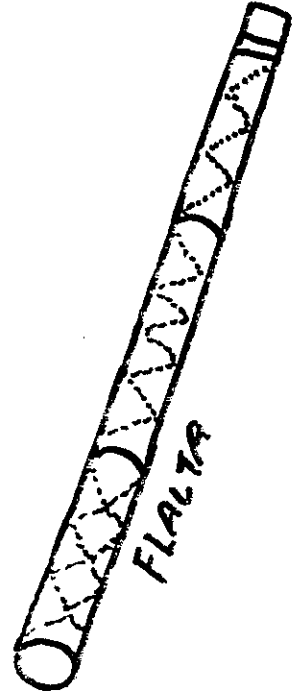
BORDUNA



COLAR

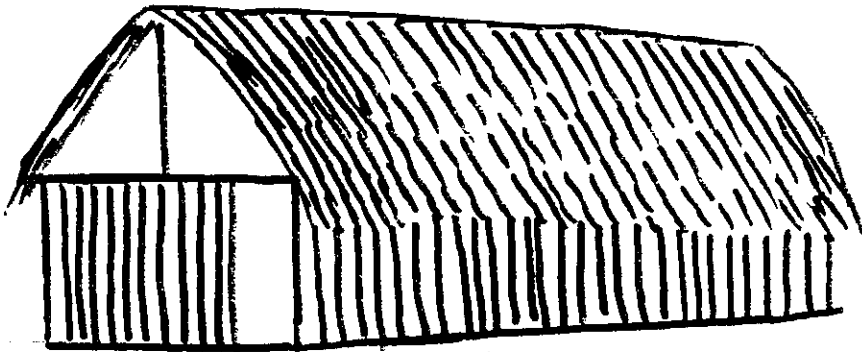


LANÇA



FLAUTA

ATIVIDADES ECONÔMICAS E USO DO TERRITÓRIO INDÍGENA



CASA DE RELIGIÃO

# ATIVIDADES ECONÔMICAS E USO DO TERRITÓRIO INDÍGENA

Professores  
Virgilius Maro Clemente  
João Paulo Sarmento

## Parque Florestal Estadual do Rio Doce

Relatório:

Curso de Formação de Professores Indígenas

1 - Professores:

Virgilius Maro Clemente, engenheiro florestal do Instituto Estadual de Florestas.

João Paulo Sarmento, engenheiro florestal do Instituto Estadual de Florestas.

2 - Matéria Lecionada:

Noções de Conservação da Natureza ( Ecologia, Ecossistemas )

Reflorestamento

Alternativas Econômicas via Reflorestamento

3 - Curso:

Tentamos transmitir às populações indígenas noções sobre Conservação da Natureza, Usos ou Proibições do Fogo, Reflorestamento de Rendimento e Ecológicos e Alternativas Econômicas tais como minhocultura, apicultura, físcicultura, plantas medicianais, embora estes temas tenham sido tratados superficialmente, pois demos mais ênfase ao reflorestamento como alternativa econômica e os aspectos ligados à conservação do meio ambiente e ao aspecto da poluição dos córregos e rios bem como ao problema do lixo nas aldeias.

Os recursos utilizados para transmitir tais noções foram através de transparências em retro-projetor, projetor de slides, vídeos e utilização do quadro negro.

Foi usado também o recurso de aulas práticas, quando fizemos a atividade de viveiro e trilha na mata, onde ressaltamos os aspectos importantes das florestas.

Utilizamos a linguagem que julgamos ser a mais simples e de fácil entendimento, mas nem sempre foi possível escapar de mencionar algum termo técnico de difícil entendimento.

#### 4 - Sugestões:

- Separar as populações indígenas por etnias.
- Formar turmas menores, de 15 a 20 alunos, com o mesmo grau de escolaridade e mesma faixa etária.

#### 5 - Comentários:

O pouco conhecimento do idioma português por uma das nações indígenas, a diferença de escolaridade entre os alunos e o pouco conhecimento dos professores sobre os usos e costumes indígenas, trouxe alguma dificuldade para a boa compreensão e andamento do curso.

Pela avaliação feita pelos próprios alunos e devido a grande diferença de escolaridade, talvez não tenhamos contemplado totalmente as suas expectativas, pois esperavam que nossa matéria fosse voltada mais para as práticas agrícolas e agropecuárias.

Explicamos que as práticas agrícolas e agropecuárias deveriam ser matérias dadas por pessoas com formação profissional específica, tais como engenheiros agrônomos ou médicos veterinários da Emater ou Ima, sendo matérias distintas e com cargas horárias específicas.

De uma maneira geral, nossa matéria foi bem aceita, foi de boa compreensão, o método utilizado permitiu a compreensão e o conteúdo, de certa forma, agradou, pois tratamos de um assunto muito íntimo para as populações indígenas, que é esta relação homem X natureza.

Estamos aberto a críticas e esperamos, se houver uma próxima oportunidade, aprimorarmos mais o nosso curso.

Virgilius Maro Clemente  
João Paulo Mello Sarmento

Parque Estadual Florestal do Rio

02 de março de 1996.

#### 4 - 3ª ETAPA

Avaliação do 1º Módulo do Curso de formação de Professores Indígenas - Minas Gerais

#### 4. 1. - Avaliação dos Professores Indígenas

##### MAXACALI

###### \_\_ O QUE MAIS GOSTAMOS :

Gostamos mais de aulas de Português e Ciências . Matemática gostamos muito pouco, porque nós custamos acompanhar , como por exemplo conta de dividir, multiplicar. Mais fácil somar e diminuir. O curso do IEF, gostamos porque ensinou muita coisa que a gente não sabia. Mas muita coisa nós não entendemos. As palavras estavam difíceis. Nós queremos que os professores expliquem mais devagar para nós. Aprendemos muitas palavras diferentes. A turma toda pegou mais rápido, mas nós queremos que explique mais devagar para nós. Ciências foi também muito difícil de entender o que o professor falou, mas a matemática foi difícil fazer as contas. Gostamos muito de fazer as contas no palito e no dedo, escrevendo era mais difícil, gostamos da aula sobre o lixo da professora de Ciências.

###### \_\_ O QUE MENOS GOSTAMOS:

Gostamos de tudo, nada foi ruim. Nadar na lagoa, jogar futebol, as refeições, passear na mata, as aulas todo dia, o forró, os colegas, tudo foi bom.

###### \_\_ O QUE FICOU FALTANDO E QUE GOSTARÍAMOS QUE HOUVESSE NO PRÓXIMO MÓDULO :

Que os professores explicassem mais devagar, ou melhor, que um professor explicasse separado para nós . Nós queremos da próxima vez um enfermeiro, para dar assistência pra nós porque Arlene não é médica e fica sem condições de poder ajudar muito. Gostaria que tivesse mais desenho e atividade fora da sala de aula, que não ficasse muitas horas seguidas de aula só falando, porque cansa muito a cabeça.



## PATAXÓ

### \_\_ O QUE MAIS GOSTAMOS :

- \* de estudar ao ar livre , como trabalhar com as plantas medicinais , como preservar a floresta , a água e como refazer uma mata ciliar .
- \* de estudar a poesia .
- \* de estudar sobre os animais e assistir filmes sobre as matas e os animais .
- \* da aula “ quem passou pôr aqui” de ciências
- \* da convivência em grupo
- \* dos trabalhos feitos através de vídeo
- \* do trabalho desenvolvido nas aulas no campo
- \* das aulas de matemática , ficamos muito mais interessados na matéria .
- \* dos banhos na lagoa .

### \_\_ O QUE MENOS GOSTAMOS :

- \* poucos alunos participavam das aulas.
- \* estudar sobre remédios químicos , eucalipto .
- \* ir almoçar e jantar no restaurante , principalmente o retorno do almoço a pé devido as altas temperaturas .

### \_\_ O QUE FICOU FALTANDO E QUE GOSTARÍAMOS QUE HOUVESSE NO PRÓXIMO MÓDULO :

- \* contar historias dos antigos .
- \* ter mais aula ao ar livre .
- \* estudar sobre agricultura sem remédios químicos .
- \* procurar nos museus com os antropólogos os livros das linguas de cada nação
- \* estudar sobre o Estatuto do Índio para defender nossos direitos .
- \* um computador para que pudéssemos publicar nosso jornalzinho e outros trabalhos .
- \* ter variação nas aulas , dia na sala , dia debaixo de uma árvore , pois nos faz bem e nos sentiríamos mais a vontade .
- \* que houvesse mais prática que teoria
- \* que pudesse ter um microscópio na sala de aula
- \* que pudesse ter um assistente de enfermagem para atender melhor a gente .

## **KRENAK**

### **\_\_O QUE MAIS GOSTAMOS**

- \* ter participado juntamente com os outros professores
- \* ter aprendido muitas coisas para poder depois passar para os alunos da aldeia.
- \* como reflorestar
- \* o ábaco e as contas nos dedos.

### **\_\_O QUE MENOS GOSTAMOS**

- \* fazer caminhadas todos os dias para o restaurante enfrentando o sol quente .

### **\_\_O QUE FICOU FALTANDO E QUE GOSTARÍAMOS QUE HOUVESSE NO PRÓXIMO MÓDULO**

- \* de fazer um curso de agropecuária ou de agronomia , curso de trabalhar com horta , pomar e plantas medicinais .

Observação : por motivo de desencontro com 2 outros professores Krenak, esta avaliação foi respondida somente por Marcos Krenak .

## XACRIABÁ

### \_\_O QUE MAIS GOSTAMOS

- \* reforço de matemática principalmente as divisões e metros quadrados .
- \* sobre ecossistema , sobre o lixo .
- \* das brincadeiras , do forró, banho na lagoa , dos jogos, das nossas danças .
- \* da filmagem e de fazer a trilha do vinhatico .
- \* da comida muito gostosa .
- \* de ver slides , do vídeo sobre animais que não conhecíamos .
- \* de visitar o viveiro de mudas .
- \* de saber que há lixo inimigo da natureza .
- \* de conhecer novos amigos e professores
- \* de aprender a contagem nos dedos
- \* de como ensinar divisão pelo caminho mais curto.
- \* do jornal das tribos de Minas
- \* de aprender sobre reflorestamento e queimada .
- \* de trabalho no campo .
- \* as aulas de atividades em grupo .
- \* da dança dos outros índios , da filmagem , dos jogos e das brincadeiras .

### \_\_O QUE MENOS GOSTAMOS

- \* da ida para o almoço no restaurante porque o sol estava muito quente .
- \* do sabonete, do sabão e da pasta de dente para todos usarem juntos .
- \* de mais escrita nas aulas , pois quando a gente escreve aprende mais .
- \* de estudar oito horas por dia sentados , assim a gente adocece.

### \_\_O QUE FICOU FALTANDO E QUE GOSTARÍAMOS QUE HOUVESSE NO PRÓXIMO MODULO

- \* aprofundar mais nas materias.
- \* ter transporte para o restaurante.
- \* ter um acompanhamento medico .
- \* de estudar mais agricultura e pecuária , português e matemática .
- \* um campo de futebol e uma bola de couro.
- \* de trabalhar mais com plantas medicinais , horta .
- \* que trabalhasse mais no campo .

## 4.2. - Avaliação da equipe de “Coordenação” do Projeto de Implantação das Escolas Indígenas em Minas Gerais

### a) Quanto ao funcionamento da Coordenação

\* foi avaliado que as diversas parcerias ( Nações Indígenas, SEE,IEF,UFMG) tiveram um bom desempenho no desenvolvimento de suas responsabilidades . Foi ressaltado o apoio do IEF , particularmente por ser a entidade que nos recebia . Neste sentido, funcionou excepcionalmente bem o apoio do corpo técnico do Parque Florestal do Rio Doce e os serviços de alojamento , material técnico e didático de apoio , alimentação, deslocamentos internos e externos ao Parque ,etc .

\* Foi avaliado que , se estamos construindo juntos , uma Escola do índio , teríamos de pensar melhor sobre a participação dos representantes de cada povo indígena de Minas Gerais , nas decisões sobre os rumos do processo de construção desta escola . Além das decisões tomadas durante a realização dos cursos , definindo o andamento dos próximos passos , existiria a necessidade de nos reunirmos mais de uma vez por semestre , dado principalmente as dificuldades de deslocamentos dos Xacriabá e Maxacali. Ficou decidido que se fosse necessário mudar alguma resolução tomada durante o curso , que uma reunião seria convocada por qualquer um dos parceiros.

\* Foi sugerido que a Coordenação desse maior atenção às programações de lazer, particularmente nas duas últimas semanas de curso .

### b) Quanto à heterogeneidade das turmas

Foi avaliado pela Coordenação a necessidade de se fazer nos próximos módulos uma divisão da sala em três turmas , buscando assim atender as demandas e as características específicas de cada povo ( Grupo 1 formado pelos 9 alunos-professores Maxakali, grupo 2 pelos 5 alunos-professores Pataxó e 3 Krenak e o grupo 3 pelos 33 Xacriabá ).

### c) Quanto aos conteúdos , recursos e instrumentos didáticos

Foi avaliado , principalmente pelos representantes das nações indígenas , a necessidade de se atender diferencialmente o desenvolvimento dos conteúdos de cada matéria como também de se ter um equilíbrio maior entre as aulas dentro da sala e debaixo das árvores . Foi avaliado também a necessidade de se ter as “apostilhas” de acompanhamento .

## 5 - 4ª ETAPA

### 5.1 Planejamento do 2º Módulo do Curso de Formação de Professores Indígenas - Minas Gerais.

O planejamento do 2º Módulo do Curso de Formação de Professores Indígenas de Minas Gerais, foi iniciado no último dia de aula do 1º Módulo, com a presença de todos os alunos-professores indígenas e da Coordenação Geral do Projeto de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais.

#### a) Quanto a data de realização

\* de 1º a 28 de julho de 1966

#### b) Quanto as disciplinas a serem desenvolvidas neste período

\* continuidade das disciplinas do 1º Módulo ( Português, Matemática, Ciências e Atividades Econômicas e Uso do Território Indígena ), mas com carga horária menor.

\* introdução da Geografia, História e Educação Física.

\* a disciplina Alternativa Econômica deverá ser sobre “agricultura orgânica”

#### c) Quanto a heterogeneidade da turma

\* formar três turmas e trabalhar o mesmo conteúdo, porém com professores diferentes.

#### d) Quanto as matérias : Cultura, Língua e Didática Indígena

\* estas disciplinas deverão ser dadas nas Terras Indígenas, juntamente com artesanato e corte e costura.

#### e) Quanto ao material de apoio

\* aquisição de um computador, de um microscópio, de uma filmadora e de um gravador.